

TRANSFERÊNCIA DE HABILIDADES INTERGERACIONAL, INCERTEZA E EMANCIPAÇÃO NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES

Moacir Fernando Viegas¹

Resumo

O presente artigo tem origem em pesquisa acadêmica cujo objetivo foi descrever e analisar, a partir da história de vida de dezesseis trabalhadores que buscaram a agência Sine (Sistema Nacional de Emprego) de Santa Cruz do Sul, as formas como trabalhadores de antigas e novas gerações experienciam e representam as transformações no trabalho e em sua formação cultural, especialmente sua formação escolar e a de seus filhos. Destacamos três questões que emergiram da análise e que nos auxiliam a compreender o fenômeno em questão: a) A transferência de habilidades intergeracional como parte significativa da trajetória de formação; b) A incerteza que caracteriza a vida dos entrevistados, que se reflete na dificuldade de estabelecerem os parâmetros de sua formação; c) As possibilidades emancipatórias contidas nas trajetórias de formação desses sujeitos, no contexto da economia informacional. Para a realização da pesquisa, nos servimos de entrevistas semi-estruturadas aprofundadas.

Palavras-chave: Educação e trabalho; Educação de jovens e adultos; Emancipação; Teoria crítica; Histórias de vida.

¹ Doutor em Educação (UFRGS), professor do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul, onde integra o grupo de pesquisa Trabalho e Tempo Livre: educação, trabalho e humanização. Endereço profissional: Av. Independência, nº 2.293, Bairro Universitário, CEP 96815-900, Santa Cruz do Sul, RS. Tel.: (51) 3717-7543. E-mail: mviegas@unisc.br.

Introdução

Entre inúmeras questões hoje enfrentadas pelos trabalhadores, uma que sem dúvida ocupa parte de suas preocupações é o problema da formação. Saber a formação necessária para trabalhar, no século XXI, é bem mais incerto do que era até 10 ou 20 anos atrás. As gerações anteriores, em que pese as limitações impostas por um capitalismo periférico como é o caso do Brasil, viam a educação como algo mais objetivo, um determinado número de anos a serem cursados na escola e talvez alguns cursos de atualização e qualificação profissional ao longo da vida. Para a grande maioria deles, a escolarização resumia-se às quatro primeiras séries do ensino fundamental. Era pouco, mas o suficiente para conseguir um emprego no qual era possível chegar até a época da aposentadoria.

Sennett (1999) descreve muito bem o modo como o taylor-fordismo, com sua rigidez e previsibilidade, permitia o planejamento das vidas pessoais, da compra da casa própria à aposentadoria, passando pela educação dos filhos. O faxineiro Rico, um de seus personagens (reais), poupou a vida inteira e com isso garantiu os direitos sociais básicos prometidos pela modernidade: casa, saúde, filhos educados, família estável, aposentadoria. Era o Estado do Bem-Estar Social.

A economia informacional destruiu em grande parte essa possibilidade de previsão e planejamento. E junto com o trabalho incerto trouxe a formação incerta, que aumenta de intensidade na medida em que piores são as condições de vida. Essa questão está relacionada com o fato de que prever, na atualidade, depende da posse de um grande número de informações e redes de relacionamento privilegiadas. Quanto mais fora dessas redes, menor o número de informações e mais incertas e imprevisíveis as coisas ficam.

Na presente pesquisa buscamos descrever e analisar, a partir da história de vida de dezesseis trabalhadores que buscaram a agência Sine (Sistema Nacional de Emprego) de Santa Cruz do Sul, as formas como os trabalhadores de antigas e novas gerações experienciam e representam as transformações no trabalho e em sua formação cultural, incluindo nessa última a sua formação escolar e a de seus filhos; compreender como é para esse trabalhador a experiência da incerteza característica da economia informacional, quanto as suas qualificações profissionais. E especialmente nos interessa analisar as possibilidades emancipatórias contidas nos modos de formação cultural experienciados pelos trabalhadores no contexto de suas histórias de vida no início desse século XXI.

Tendo como base Ferretti, podemos afirmar que nosso estudo situa-se, no que diz respeito à tradição acadêmica em educação e trabalho, no contexto da “filosofia e na economia política de origem marxista, formulando à educação problemas... que remetem não apenas à formação profissional estrito senso, mas à formação humana, em sentido pleno, da qual a primeira faz parte” (2004, p. 403). Ou seja, em que pese nos interessem os problemas técnicos da formação dos trabalhadores, achamos importante discutir as relações entre esses e problemas que dizem respeito à humanização, ou, mais especificamente, no que se refere às possibilidades emancipatórias presentes nos processos formativos.

Dedicaremos nossa atenção a alguns dos aspectos gerais que emergiram da pesquisa, os quais apontamos de maneira sucinta. Em primeiro lugar a questão da transferência de habilidades intergeracional como parte significativa da trajetória de formação, que apresenta propriedades particulares no que diz respeito às relações entre os sujeitos da pesquisa e seus pais, e entre os primeiros e seus filhos. Em segundo lugar,

destacamos a incerteza que caracteriza a vida dos entrevistados, que se reflete na dificuldade de estabelecerem os parâmetros de sua formação. Por fim, apresentamos uma discussão das possibilidades emancipatórias contidas nas trajetórias de formação desses sujeitos, no contexto da economia informacional.

As condições materiais para a aprendizagem na infância e a não-transferência de habilidades intergeracional

Para Bernardo (1991), a problemática das gerações, incluindo a formação das mesmas, está intrinsecamente ligada ao paradigma produtivo vigente em determinado momento histórico. A formação da força de trabalho segue, no capitalismo, os objetivos implícitos na tecnologia empregada nas relações de trabalho do modo de produção. A escola, porque prepara força de trabalho para o trabalho no capitalismo, o faz dentro das necessidades demandadas pela produção. Isso é facilmente perceptível na análise das relações entre formação escolar e as duas tecnologias presentes na produção econômica nos séculos XX e XXI, quais sejam, o taylorismo-fordismo e a tecnologia informacional. O rígido sistema taylorista-fordista, ao apoiar-se em habilidades manuais, rotineiras e repetitivas, demandava o mesmo no que dizia respeito à formação escolar. Já a economia informacional, com sua ênfase na capacidade de interpretação e análise de informações, maior capacidade de raciocínio, obrigará a escola a reformular-se².

² Com isso não estamos assumindo a tese do determinismo tecnológico. Não é nosso objetivo aqui entrar nessa polêmica, mas o fato é que a própria tecnologia tem origem nas lutas de classe que ocorrem no processo de produção. Womack, Jones e Roos (1992), ao analisar a origem da tecnologia informacional, que eles chamam de “produção enxuta”, demonstram como as técnicas empregadas têm origem na ação dos trabalhadores. No entanto, nos parece evidente que uma vez um paradigma produtivo instalado, uma vez que ele predomina sobre outros, a formação escolar seguirá, em geral, na direção do atendimento de suas demandas.

Porém, a formação cultural do trabalhador não se esgota na aprendizagem de habilidades específicas, sejam manuais ou intelectuais. A experiência numa determinada sociedade implica a crença em certos valores, numa concepção de mundo. Disso são conscientes os empresários, desde Ford. Como afirmava Gramsci em relação ao fordismo, “os novos métodos de trabalho estão indissolúvelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro” (GRAMSCI, 1984, p. 396).

Foi assim, conforme relatado por Enguita (1989), que a formação do trabalhador do capitalismo passou por várias etapas até que fossem apreendidos os novos hábitos de produção e consumo, onde a passagem do rural para o urbano foi um dos aspectos fundamentais. Em sua totalidade, trata-se de uma nova maneira de lidar com o espaço e o tempo.

Mas em que pese a escola seja grandemente responsável pela formação da força de trabalho, e isso cada vez mais, uma parte da formação é ainda responsabilidade da família e nesse âmbito é de suma importância a transferência de habilidades intergeracional, definida por Wood como:

O meio pelo qual as pessoas se iniciam nas habilidades de adultos ou em artes práticas particulares, e são, ao mesmo tempo, introduzidas na experiência social e na sabedoria comum da comunidade. Mecanismo pelo qual a comunidade de cidadãos passa adiante a sabedoria coletiva, suas práticas, seus valores e suas expectativas fundados nos costumes (WOOD, 2000, p. 167).

Essa “transferência” é parte fundamental da formação cultural do trabalhador. Muitos dos hábitos e atitudes exigidos na escola e na vida são formados na família e mesmo os conhecimentos escolares dependem da ajuda de pais escolarizados. A reprodução da força de trabalho envolve componentes físicos e formacionais. A família é parte integrante dos dois aspectos, na medida em que é nela que são repostas as

energias para o trabalho, assim como contribui nos aspectos formativos. Como afirma Santos (2006),

A família pode ser vista, funcionalmente, como um subsistema social e agente da cultura, estando sua organização conformada às necessidades pessoais e coletivas de “adestramento” e capacitação individual através da assimilação de valores e padrões de conduta exigidos pelos papéis sociais... Ela reproduz o trabalhador – enquanto força de trabalho – pois é dentro da família que se realizam atividades que permitem ao operário a reposição de sua força de trabalho, para que possa continuar a ser vendida. Uma rotineira organização doméstica cotidiana permite ao trabalhador chegar à fábrica diariamente. Trata-se de uma dimensão material da produção, associada a uma outra função que também se realiza no meio familiar: a reprodução, no plano ideológico, não somente da força de trabalho atual como a dos futuros trabalhadores (p. 3).

É fácil perceber as implicações dessa questão para trabalhadores, no caso dos sujeitos de nossa pesquisa, que em sua grande maioria têm origem rural, onde os pais possuem poucos anos de escolarização ou são analfabetos. O paradigma taylorista-fordista exigia poucos anos de frequência à escola e poucas habilidades manuais, com validade para toda a vida. Entre os entrevistados, percebemos que apesar do grande esforço da maioria dos pais na educação dos filhos, os limites que encontram são muito significativos. Aqueles baseiam esse esforço na educação que eles próprios tiveram e que tendem a reproduzir, ou seja, a reprodução de um modelo que não exigia mais do que quatro anos de escola para estar apto a trabalhar e a ajudar nas necessidades da família. Isso dificulta, por vezes, que os sujeitos reconheçam o esforço dos pais, a ponto de alguns acharem que a família não ajudou em sua formação: “O interesse vinha só de mim mesmo” (Verônica)³.

A mudança de perspectiva implica uma ruptura com os hábitos familiares e com a promessa de servir sempre à família. No caso de Verônica, sua atitude foi precedida de um certo desânimo em relação à vida no interior e um desejo de maior autonomia:

³ Os nomes dos sujeitos são fictícios.

Como eu já tava desanimada da vida mesmo por lá, porque morando onde eu morava, e colégio já tinha terminado, dinheiro não tinha para fazer uma faculdade, então o que me restava era a roça mesmo. Não tinha muita opção, lá não tem, e daí eu pensei: quando eu queria comprar uma coisa, eu não podia porque não tinha dinheiro, então eu vou trabalhar no restaurante para ver se eu consigo um dinheirinho. No início, como eu disse, de dia eu trabalhava na roça e à noite ia pro restaurante. Aí ficou muito puxado e eu disse pro meu pai: eu vou largar a lavoura porque não dá!

Embora tenham maior número de anos de escolarização que seus pais, os sujeitos tiveram dificuldade em sua formação escolar. A maioria repetiu algum ano, assim como largou os estudos antes de concluir o ensino fundamental, conforme relata Verônica: “eu rodei dois anos, o colégio era bem fraquinho assim e aí eu fiquei doente um tempo, fiquei atrasada nas matérias e já rodei naquele ano”. Verônica precisava ajudar na lavoura enquanto estava estudando.

Acabaram por enfrentar um problema típico de sua geração: o de ter que ampliar sua formação escolar por conta das exigências da economia informacional, tendo que conciliar trabalho e estudos, em cursos de baixa qualidade e curta duração como são, em geral, as práticas de educação de jovens e adultos⁴. Esse é o caso de Mara e de seus irmãos. Ela parou de estudar por algum tempo entre a 4ª e a 5ª série: “nós éramos crianças e não tinha como continuar a estudar. Para continuar tinha que ir até Monte Alverne e o pai não tinha condições de levar, porque nós éramos entre três irmãs e as três tinham que estudar, e aí nós paramos quando éramos crianças lá no interior”. Acha que começou a 5ª série por volta dos 14 anos, quando já estava trabalhando:

⁴ Di Pierro, analisando o momento de redemocratização do país nas décadas de 1980 e 1990, mostra um movimento contraditório no que diz respeito às políticas de educação de jovens e adultos: “de um lado, formou-se um amplo consenso em favor da alfabetização e da educação básica como esteios da participação cidadã na sociedade democrática e da qualificação profissional para um mundo do trabalho em transformação, o que se refletiu no alargamento dos direitos educativos dos jovens e adultos consagrados na legislação. Por outro lado, a educação de jovens e adultos ocupou lugar marginal na reforma educacional da segunda metade dos anos de 1990, implementada sob o condicionamento das prescrições neoliberais de reforma do Estado e restrição ao gasto público, e orientada pelas diretrizes de desconcentração, focalização e redefinição das atribuições dos setores público e privado (2005, p. 1222)”.

Daí terminei o primeiro grau. Comecei o segundo, mas o emprego que eu tinha, não tinha mais condições de estudar... porque todo dia de noite eu perdia uma aula. Aí no fim tinha aquele professor de inglês, que era uma *paita* mala, e daí sempre aquela aula eu perdia, todo dia perdia uma aula no colégio. Aí no fim eu desisti, porque também na hora do recreio, onde tu podia descansar, (porque que eu saía às 07h do serviço e ia direto para a aula). Na hora do recreio tinha que copiar a matéria [que perdeu no início da aula]. Final de semana nem pensar porque sempre tinha um monte de trabalho para fazer, e para copiar a matéria sempre aproveitava esses recreios. No fim era tão cansativo que eu nem quis mais.

Poucos frequentaram a educação infantil, pois, se quando eram crianças mal existia escola até a 4^o série, o que dizer de pré-escolas e creches. Alguns de seus filhos também repetiram uma série, um problema que ainda aflige, e muito, nossa escola pública. Diferentemente da formação que tiveram na família, eles procuram acompanhar mais de perto o estudo dos filhos, como é o caso de Helena:

Eu falo todo dia pra ele, né, pra depois não tá que nem eu, adulta, tem que trabalhar e estudar. Eles têm que aproveitar enquanto são novo, né?... Eu não tive oportunidade, o que eu puder... incentivar ele bastante pra ele estudar. Fazer o segundo grau, se possível, né, a faculdade.

Sabendo da importância da educação dos filhos, os entrevistados buscam maneiras de inseri-los na educação infantil, o que se deve também à necessidade das mães trabalharem. Não vivem como seus pais, onde a mãe ficava em casa cuidando dos filhos ou as famílias eram numerosas e os mais velhos cuidavam dos pequenos:

Até para eles aprenderem a conviver com outras crianças e saberem algumas regras de disciplina, né, porque colégio não é em casa que tu pode tá escrevendo aqui, largar e vai fazer uma brincadeira. No colégio não. Então tem uma disciplina a seguir, e o prézinho é bom pra isso, para acostumar com a escola (Tânia).

Para isso, enfrentam o fato de que a educação infantil não é uma etapa obrigatória na formação das crianças. Assim, em Santa Cruz do Sul, as vagas nas escolas são dadas prioritariamente a mães que trabalham, como se as pré-escolas fossem lugares que servem apenas para deixar as crianças enquanto os pais estão no trabalho,

uma concepção totalmente ultrapassada. É o caso de Alexandra, que optou por parar de trabalhar para cuidar da filha pequena e agora que deseja voltar a trabalhar, não tem com quem deixar a menina para procurar emprego. Acredita que está na hora de ela se relacionar com outras crianças, aprender a brincar com os outros: “ele pode aprender muitas coisas na creche. Em casa a gente não consegue fazer tudo”.

Entre os entrevistados, João é um dos poucos que realizou cursos de formação profissional e pensa que isso serve de modelo para a educação dos filhos. Ele acredita que esse tipo de formação, que fez no Senai, lhes trará autonomia e emprego garantido:

O conselho que eu dou pros meus filhos e tudo, a minha filha não se interessou mas meu filho já estou conversando desde agora, ele tem que fazer o Senai. Não interessa o curso que ele vai fazer, mas ele tem que fazer. É importante, é uma profissão. Tu não vai ser profissional, mas tu vai ter uma boa base, porque se um dia tu tentar uma coisa e não der certo, tu vai ter aquilo dali para se agarrar. Quem tem profissão não fica desempregado, se tu é profissional em alguma coisa tu nunca fica desempregado.

Incerteza no trabalho e na formação

A flexibilização e a desregulamentação da economia trouxeram consigo a dificuldade de prever o futuro e a incerteza tornou-se uma característica de nossa época. Fazer escolhas profissionais resulta bastante difícil e implica a posse de informações sobre um mercado de trabalho extremamente cambiante. Para os sujeitos da pesquisa, essa imprevisibilidade está associada também ao fato de situarem-se no segmento mais descartável da força de trabalho, onde a segurança é menor ainda. Segundo Fernandes,

No contexto do projeto neoliberal, o reflexo dessa situação na relação trabalho e educação aparece quando, recorrendo-se ao discurso da empregabilidade, determina-se que no mercado não há lugar para todos aqueles que precisam de emprego, ainda que a neoteoria do capital humano potencialize tais condições (...). Nesse sentido, segundo a ótica neoliberal, apesar da possibilidade de se investir no desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito, somente alguns deles serão bem sucedidos na conquista de uma vaga no mercado de trabalho, o que, na prática, suscitará a existência de desempregados e trabalhadores precarizados ou subempregados (2005, p. 8).

Recuperando um pouco a história de nossos sujeitos, quase a totalidade viveu sua infância na área rural, onde cursou os primeiros anos da escola, trabalhou na agricultura ajudando a família, tendo, portanto, que começar a trabalhar muito cedo. Ao chegar à cidade, deparou-se com uma dupla mudança: as diferenças entre campo e cidade e com o fato da vida na cidade ter mudado em função da globalização e do novo paradigma produtivo. Assim, teve que enfrentar uma situação ainda mais desfavorável que os trabalhadores da área urbana. É difícil falar em “opções” e “escolha” no caso desses sujeitos, cujos instrumentos de sobrevivência são tão precários.

A ampliação da escolaridade feita através dos cursos de educação de jovens e adultos tornou-se, para muitos, uma obrigação e, ao mesmo tempo, a única opção. Uma opção que o mercado de trabalho só aceita se não obtiver força de trabalho que cursou um ensino de melhor qualidade, como revela pesquisa realizada por Zanetti (2000):

Os trabalhadores são unânimes em afirmar que a escola é condição para obter outro emprego, caso necessitem buscá-lo. Porém, dois dos trabalhadores entrevistados, afirmam que há discriminação no mercado de trabalho em relação àqueles que realizaram sua escolarização através da modalidade supletiva: “... escola boa, currículo bom, também ajuda. Mas não querem quem fez o CES... dão preferência para o regular” (2000, p. 6).

A incerteza, aliada à precariedade na situação dos trabalhadores, manifesta-se nas escolhas sobre os cursos de capacitação que os sujeitos resolvem fazer. Eles sabem que é necessário estudar, que é preciso estar atualizado e sentem a necessidade de mais conhecimentos. Em muitos casos, porém, fazem os cursos sem ter qualquer noção sobre sua necessidade ou para o que serão úteis. Cléber, por exemplo, iniciou um curso profissionalizante no Senai, mas teve que desistir no meio do caminho porque não tinha mais dinheiro para pagar e porque não estava “aprendendo nada”. Diz ainda que o mercado de trabalho, para o curso que estava fazendo, já estava saturado em Santa Cruz do Sul:

Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n1, jan./jun. 2011

É que como a gente era cobaia, vamos dizer assim, porque era a primeira turma... Então a gente vai com expectativa alta e a gente volta para um mercado onde não tem nada. E daí conversando com amigos aqui e ali, aí a gente descobre que o mercado já está saturado e a gente não vai ter futuro nenhum. Então foi onde eu peguei e desisti, só conclui o curso até onde eu conseguisse um currículo, como técnico de reparador de sistemas eletroeletrônicos.

Ele fez dois anos do curso, sendo que um deles teve que repetir, pois não foi aprovado. Tânia fez dois meses de “corte e costura”, “mais por curiosidade, por tentar aprender alguma coisa diferente”. Ela não sabe mais onde guardou o diploma. Um dado interessante é que boa parte dos entrevistados já fez curso de informática. Eles sabem que se trata de um conhecimento básico para conseguir qualquer emprego. No entanto, a maioria nunca utilizou o que aprendeu e sequer possui computador em casa. Como não utilizaram esses conhecimentos feitos em cursos bastante rápidos, os mesmos perderam seu valor.

Helena enfrenta um problema comum nos trabalhadores com pouca escolarização. Além dos cursos, precisa ampliar sua formação escolar e fazer as duas coisas ao mesmo tempo exige muito esforço em termos de tempo e recursos financeiros: “agora eu preciso terminar o segundo grau... porque eu estou fazendo cursos. Daí os cursos que eu estou fazendo eu não consigo emprego porque eu não tenho segundo grau, né? Então eu preciso terminar o segundo grau para conseguir um emprego melhor”. Ela está fazendo os cursos “por que o meu sonho é trabalhar assim, num escritório, num departamento pessoal, sabe?”.

Verônica veio para a cidade após muitos anos de trabalho na lavoura de fumo com a família e trabalho sem carteira assinada em uma pizzaria, principalmente, e em vários outros lugares. Lugares que poderiam fechar do dia para a noite: “agora 15 dias em janeiro ele [o dono da pizzaria em que trabalha] quer fechar porque ele vai para a

praia. Aí eu não sei o que vai ser de mim, vou para Candelária eu acho, porque ficar aqui...”.

Apesar da incerteza em que segue sua vida, ela parece adaptada (não sem sofrimento), às mudanças e à imprevisibilidade. Sempre com um sorriso no rosto, diz que “assim como eu saí da noite para o dia de lá para cá, eu posso fazer a mesma coisa, quando eu acho que não dá mais eu volto, porque quando a coisa aperta que eu não tiver mais dinheiro para pagar o aluguel eu vou embora”. Numa outra entrevista, estava trabalhando num bar que funciona em uma escola, do mesmo patrão da pizzaria. Disse que estava melhor, pois agora tinha carteira assinada, mas que decepcionou-se quando recebeu o primeiro contracheque, pois trabalhava mais horas que na pizzaria e agora está ganhando menos. Esse é um dilema que enfrentam trabalhadores precarizados. Aceitar um direito social é, muitas vezes, duvidoso, pois perdem-se outras coisas. Assim, fica difícil saber o que é melhor.

Além disso, o contrato do patrão com a escola se encerraria dali a três meses: “depois estou desempregada de novo”. Como fez amizade com as pessoas na escola, ela sonha em trabalhar na mesma: “agora para o ano que vem eu quero largar um currículo na secretaria [do colégio], para trabalhar lá dentro. Nem que for só para zeladora mesmo”.

Na segunda entrevista que realizamos com Verônica ela estava bastante motivada. Mais adaptada à vida urbana, com a carteira assinada (que era um sonho para ela), o trabalho no bar da escola e contato com os estudantes e professores fazia sentir-se “nova”, segundo relatou (ela tem 28 anos). No mesmo sentido, manifestou o desejo de realizar todos os cursos que pudesse fazer:

Vou fazer curso de alemão, em agosto agora, através da Prefeitura, que é gratuito... Eu pensava quando eu morava lá [no interior]: que que eu quero, tô velha, nem quero mais saber de estudar? Agora aqui não, por isso que digo: aqui já estou evoluindo mais. Não sei se vai servir para alguma coisa, mas para mim, eu acho que, para mim vai!.

Alguns dos trabalhadores entrevistados passaram por situações mais estáveis em empregos onde havia o estímulo e a necessidade de realizar cursos de atualização. É o caso de Juliana, que trabalhou por muitos anos como vendedora em lojas de roupas: “eu fazia mais assim, cursos de técnicas de vendas relacionadas ao meu trabalho... tudo cursinhos que a empresa convidava, sabe, tá a fim de fazê, as lojas sempre convidam... ah, eu fazia, porque eu não estava estudando na época, daí eu aproveitava e fazia tudo”. Ela demonstra que nesses cursos aprofundou bastante seus conhecimentos na área de vendas. Por outro lado, percebe-se em seu relato, que, para adaptar-se às exigências do campo de trabalho, teve que deixar de lado certos valores:

A gente sentia uma necessidade, assim, que as pessoas não compravam por que precisavam, entende... compravam por comprar, que aqui ela estava suprindo mais era uma necessidade de outro, um problema em casa, um problema do marido... e alguma lacuna, e elas estavam tentando, então... suprir aquela lacuna com compras... claro, que venda é emoção... senão tu não vai vender, aí não adianta... Ele [o vendedor] vai pro lado do profissionalismo, né, que tem que vender, fazer o papel dele de vendedor, ele vai induzir a pessoa a comprar...

Emancipação dos trabalhadores em seu trabalho e na sua formação

Para concluir, analisamos como a emancipação se faz presente na luta por trabalho e formação dos trabalhadores entrevistados. Entendemos a emancipação não como algo acabado e sim vivido e experimentado nas relações sociais. Essa compreensão encontra-se já nas obras de Kant, Hegel e Marx, os quais, para Raupp (1988), faziam uma crítica à ingenuidade da tradição esclarecedora:

Para os três haveria um nexos entre liberdade, emancipação e história. A emancipação passaria a ser vista, a partir destes pensadores, como a história da liberdade humana, como uma obra essencialmente humana. Não seria o resultado de uma ação de liberdade absoluta, já que o homem faria a sua história a partir das circunstâncias dadas anteriormente a ele. O esclarecimento não constituiria uma construção a priori e sim um trabalho crítico da razão, que passaria a analisar tanto o estado de dominação, como o de liberdade conquistada pelo homem num determinado momento de sua história, assim como os objetivos a serem atingidos no futuro (p. 4).

Autores críticos contemporâneos, como Bloch, acreditam que o futuro como possibilidade estando no presente, trata-se de saber identificar as sementes que possibilitarão a realização do mesmo: “se o momento presente está marcado pela dominação e opressão, é também neste momento presente que se encontram as noções de liberdade, os desejos de emancipação” (idem, p. 7).

Como, para a teoria crítica, teoria deve constituir um impulso para a emancipação, um dos modos principais em que isso pode ocorrer é através dos meios institucionais de propagação da cultura, especialmente a escola, apesar de todas as críticas e limites apontados a essa instituição. Porque entendemos a emancipação como algo que está a ser gestado cotidianamente nas relações sociais, e porque a formação cultural é parte importante desse processo, pensamos que a análise da formação cultural dos trabalhadores no contexto de suas histórias de vida revela, para além das “prisões”, as possibilidades emancipatórias erigidas na prática social e no terreno da formação cultural.

Uma primeira surpresa que tivemos ao entrevistar os sujeitos da pesquisa é que a grande maioria encontra-se trabalhando⁵. Em que pese as condições desse trabalho não sejam as melhores, eles possuem, em geral, uma atitude positiva em relação à vida. Há certo grau de conformidade na forma como descrevem suas trajetórias, mas isso não

⁵ Lembramos que são trabalhadores que procuraram a agência Sine de Santa Cruz do Sul.

significa que estejam plenamente adaptados e satisfeitos. Valorizam suas conquistas e aspiram ir mais longe, seja no trabalho, seja nos estudos.

Marcos é um ótimo exemplo dessa perspectiva. Após vários anos trabalhando como empregado em empresas prestadoras de serviço está se firmando como autônomo na área de informática. É extremamente crítico a respeito de seu trabalho, que considera bastante “desumanizado”, especialmente com relação à falta de sociabilidade: “esse é um ponto negativo. Acho até que é um mal para quem trabalha na área de informática. Eu não tenho participado de nada de eventos sociais... Vai lá, busca 4, 5 máquinas, e fica 3, 4 dias em casa trabalhando. Tu acaba não conversando com ninguém, não falando com ninguém... Acho que o único evento social que eu participo são esses fóruns de informática, que o pessoal fica trocando experiências na *internet*”.

Marcos fez muitos cursos em sua área de trabalho. Quando o entrevistamos pela primeira vez, ele falou de seus sonhos de realizar um curso superior, que considerava bastante difícil em função dos altos custos. No momento da segunda entrevista ele tinha superado esse obstáculo: “consegui atingir o meu alvo, que era fazer um curso superior. Estou cursando. Em razão de horários estou fazendo através de EAD. Não acho uma boa escolha, mas é o que ficou melhor para mim no momento. Eu estou fazendo Análise de Sistemas”. Ele mostra que é consciente das limitações do curso, mas se diz satisfeito por estar conseguindo, dentro de suas possibilidades, cursar uma faculdade. Além disso, Marcos tornou-se professor na mesma escola em que estuda, em cursos técnicos da área de informática.

Muitos dos entrevistados vêem o ensino superior como um sonho. Apenas dois estão conseguindo alcançá-lo. Outros dois chegaram a começar, mas tiveram que desistir, situação pela qual passou João:

Cheguei a fazer uns dois semestres na universidade, de Ciências Econômicas, mas eu trabalhava no terceiro turno na Phillips Morris e, aos sábados, eu ainda vendia cachorro-quente para poder pagar, e daí quando terminou o terceiro turno, em 1998, que daí a gente ganhava 44% a mais do nosso salário... por causa do adicional noturno, daí então eu tive que fazer cortes, né, e esse foi um dos cortes que a gente fez [a universidade].

Para Verônica, essa meta parece inalcançável. Ela diz que “sempre queria fazer faculdade... acho que de veterinária... eu ia voltar para as minhas origens, lá pro interior”, mas logo conclui que “não dá para fazer porque não tem condições”. A vinda para a cidade, para Verônica, tem significado a concretização de muitas de suas aspirações. Mas antes teve que passar por dificuldades, que ela expressou em sua primeira entrevista:

Eu nasci na lavoura né, desde pequena e foi por isso que eu enjoiei, queria mudar né, porque eu achava que ia morrer no meio da lavoura, me dava um nojo... [Na cidade] eu tava esperando coisa melhor, porque sempre dizem, ó, a cidade é maior e tudo, emprego e tudo, mas não. Lá [no interior] não tem nada, por isso que eu não voltei... Lá o pessoal é tudo desempregado, então aqui eu achei que poderia ser melhor, por isso que eu ainda estou aqui.

Como podemos ver nos depoimentos citados, revelados na segunda entrevista, Verônica mudou sua atitude diante da vida, se diz mais motivada e realizada. Mas ela parece perceber muito claramente os limites a ela colocados pelas condições materiais. Gostaria de trabalhar em outra coisa, está cansada do trabalho na cozinha, mas não vê alternativas: “não adianta eu querer uma coisa que não é para mim. Eles [o mercado de trabalho] não vão me dar essa chance, então eu tenho que ir onde eu já tenho... É ruim, mas é uma coisa que eu já tenho experiência”.

Os direitos sociais da modernidade ainda lhe são pouco acessíveis. Queria fazer o cartão do SUS, mas não consegue comprovar endereço: “porque precisa de declaração de dois vizinhos, autenticar e coisa, mas eu não tenho como porque eu não conheço os vizinhos”.

As redes de relacionamento parecem ser fundamentais para a melhoria das perspectivas de vida dos sujeitos. Estar inserido no mercado trabalho, mesmo que em condições precárias, oferece possibilidades que poderiam não existir se a situação fosse de desemprego. Verônica diz receber muitos conselhos e orientações de seu patrão:

Ele que dá [conselhos] para mim também. Ele disse: 'te cuida, não sai muito de noite para não ficar doente, para não vir no outro dia doente'. Quando eu tive pneumonia, ele disse: 'não, isso daí é de tanto sair de noite', eu disse: 'mas seu Jorge, nem sai'. Assim, sempre está trocando idéia, ele aceita... ele dá incentivo, está sempre em cima...".

Estar estudando também é uma forma de estar inserido em redes de relacionamento, ter acesso a informações, o que ajuda a manter o otimismo e perceber perspectivas de mudanças. Na escola onde faz os cursos, Helena recebe apoio de uma pessoa que orienta os alunos quanto às possibilidades e perspectivas de trabalho: "ela é orientadora que... orienta os alunos lá".

João, que recebe benefício do INSS por estar com LER, é uma pessoa extremamente atuante na comunidade. Participa da organização do bairro e da escola de samba, da qual já foi presidente:

Eu fui presidente da associação [do bairro] por muitos anos. Nesse período também a gente formou uma escola de samba do bairro, então também a gente tem uma escola de samba aí onde a gente se envolve também, né, com a juventude, com a comunidade. Então é esse tipo de serviços voluntários que a gente faz, não é nada mais do que um serviço comunitário. O calçamento, na época em que a gente estava na associação, essas ruas não eram calçadas... Também tem uma área verde aqui que eles queriam tirar, e daí tiravam e quando viam tinha mais duas ou três famílias. Se vão tirar todo mundo então vamos dar condições para essas pessoas morarem, com água, esgoto, luz. Então é esse tipo de trabalho assim que a gente faz.

Sobre a escola de samba, relata que participa de atividades de arrecadação de fundos, dos ensaios, da contabilidade e faz até adereços. João realiza essas atividades sem remuneração. São ações que contribuem para a humanização das relações sociais

do bairro onde mora. Mas essas atividades não são remuneradas, não têm valor monetário e nem poderiam ter.

É difícil, para os trabalhadores, ser otimista diante da vida quando laboram no mesmo emprego há muitos anos e nunca tiveram um aumento de salário, nunca receberam uma promoção e sempre realizaram o mesmo serviço. É o caso de Helena, que há seis anos trabalha numa indústria de confecções, e também o de Tânia, que há seis anos realiza serviços gerais numa metalúrgica, como subempregada de uma empresa prestadora de serviços. João reclama que estava há dez anos na Phillips Morris e “nunca ninguém me enxergou lá dentro, nunca ninguém tinha me dado uma oportunidade e eu estava desgostoso de trabalhar lá. Dez anos dentro de uma empresa e ninguém te enxerga, entendeu!?”

Na análise que Adorno faz sobre o fascismo, o autor é bastante cético no que diz respeito às possibilidades de emancipação no capitalismo. Para ele, o ordenamento econômico tem em si uma lógica inexorável, da qual é praticamente impossível fugir:

O ordenamento econômico e, em concordância com seu modelo, a própria organização econômica, leva, tanto antes como depois, a maioria à dependência ao existente, que foge a qualquer controle, e à menoridade. Se querem viver, nada mais lhes resta do que acomodarem-se ao existente, a ele se adaptarem; devem até riscar aquela subjetividade autônoma a que apela a idéia de democracia e só conseguem se manter se abrem mão de si mesmos... A necessidade dessa adaptação, dessa identificação com o existente, com o dado, com o poder como poder cria o potencial do totalitarismo. Torna-se fortalecido pela insatisfação e pela ira que é produzida e reproduzida justamente por essa mesma coação à adaptação.

Afirmar que os sujeitos de nossa pesquisa sejam pessoas completamente adaptadas seria sem dúvida uma inverdade. Certamente que o ordenamento econômico tem sobre eles um peso muito grande. Mas não se poderia dizer, de forma alguma, que são “consciências felizes”.

INTERGENERATION SKILLS TRANSFERENCE, UNCERTAINTY AND EMANCIPATION IN WORKERS' FORMATION

Abstract

The present article was originated in an academic research aimed to describe and analyze, through the life story of sixteen workers who went to Sine (Sistema Nacional de Emprego) Agency (a job agency) of Santa Cruz do Sul, the ways in which workers of old and new generations experience and represent the changes in work and their cultural background, especially their education and their children. We highlight three issues that emerged from the analysis and that help us understand the phenomenon in question: a) the intergenerational transfer of skills as a significant part of the trajectory of training, b) the uncertainty that characterizes the lives of the interviewed people, which reflects the difficulty of establishing parameters of their formation, c) the emancipatory possibilities contained in the paths of formation of these subjects in the context of the information economy. For this research, we made use of deep semi-structured interviews.

Keywords: Education and work; Education of youth and adults; Emancipation; Critical theory; Life stories.

Referências

ADORNO, Theodor. O que significa a elaboração do passado? Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. Cópia cedida pelo autor.

BERNARDO, João. **Economia dos conflitos sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 92, Especial – out. 2005, p. 1115-1139.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola:** educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, A. P. A relação trabalho e EJA na década de 1990: expectativas e perspectivas presentes nos discursos dos operários da construção civil. In: 28ª Reunião Anual da ANPEd, 2005, Caxambu/MG. 40 anos da Pós-Graduação em Educação no Brasil, 2005.

FERRETTI, Celso João. Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a respeito das relações entre trabalho e educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 87, p. 401-422, mai./ago. 2004.

GRAMSCI, Antonio. Americanismo e fordismo. In: _____. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. p. 375 a 413.

RAUPP, Bárbara. A categoria de emancipação em nossa realidade político-econômica atual. Programa de Pós-Graduação em Educação. Seminário Avançado: A Teoria Crítica na Pesquisa e na Educação. Prof. Augusto Nivaldo Silva Triviños. Porto Alegre: UFRGS. 1998.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Influências da família e da escola na formação de trabalhadores: papéis coincidentes? In: 29ª Reunião Anual da ANPEd, 2006, Caxambu, p. 1-16.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter:** as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WOMACK, J.; JONES, D. T.; ROOS, D. **A máquina que mudou o mundo**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2000.

ZANETTI, Maria Aparecida. Educação de jovens e adultos na empresa: um estudo de caso. In: 23ª reunião anual da ANPEd, 2000, Caxambu, MG, p. 1-18.

Data de recebimento: 25/04/2011

Data de aceite: 21/06/2011